

A NESTLÉ E A PRIVATIZAÇÃO DA ÁGUA: UMA HISTÓRIA DE MUITAS CIDADES.

Posted on 19. Dezember 2019

Um comentário de Franklin Frederick.

Em 14 de novembro de 2019, o grupo canadense Wellington Water Watchers organizou a conferência "All Eyes on Nestlé" na cidade de Guelph, Ontário, onde povos indígenas e movimentos civis lutaram contra o consumo de água da Nestlé do Canadá, dos EUA, da França e do Brasil.

Na sequência deste evento público, representantes das organizações envolvidas reuniram-se para um workshop para partilhar informações e discutir possíveis estratégias conjuntas de resistência à extração de água por esta gigantesca empresa.

A partir das experiências e histórias partilhadas por grupos tão diversos como o Collectif Eau 88 (da cidade de Vittel, França), Save Our Water (de Elora, Canadá) ou o Michigan Citizens for Water Conservation nos EUA, ficou claro que existe um padrão comum em todos estes locais onde a Nestlé obtém água para as suas fábricas de engarrafamento, ao contrário da alegação da empresa de que cada problema é sempre apenas uma questão local.

Este padrão comum mostra, por exemplo, que as quantidades de água extraídas, pelas quais a Nestlé não paga quase nada, geralmente provocam o afundamento do lençol freático, afectam os ecossistemas e ameaçam o abastecimento de água às comunidades locais.

Em Vittel, em França, por exemplo, a Nestlé e a comunidade local extraem água do mesmo aquífero, e as instituições governamentais francesas reconheceram que esta situação estava a pôr em perigo o aquífero porque as captações de água eram mais rápidas do que a recarga natural. A solução proposta pelas autoridades francesas? Construção de uma conduta de aproximadamente 14 km de comprimento para levar água de outros locais aos habitantes de Vittel, para que a Nestlé possa continuar as suas operações sem interrupções e extrair as águas subterrâneas de Vittel.

Graças à resistência do Collectif Eau 88, o projeto do gasoduto foi derrotado politicamente e outra solução deve ser encontrada para proteger o aquífero. Mas sem esse movimento de cidadãos, o projeto do gasoduto teria sido construído com o dinheiro dos contribuintes.

No condado de Wellington, Nestlé Waters Canada tem autorização para extrair diariamente 4,7 milhões de litros de água de poços em Hillsburgh e Aberfoyle, e de acordo com Mike Balkwill da Wellington Water Watchers, "a empresa solicitou a renovação dessas autorizações enquanto continua a extrair água sem o consentimento das Seis Nações em cujo território opera e apesar da oposição pública de várias organizações indígenas.

(Seis Nações é a maior reserva das Primeiras Nações do Canadá, abrangendo aproximadamente 18.000 hectares de terra (1))

E mais uma vez, graças à resistência das Seis Nações e de outros movimentos civis, a moratória sobre as licenças de água, que terminaria em 1 de janeiro de 2020, foi recentemente prorrogada pelas autoridades até outubro de 2020.

Na Flórida, EUA, a situação é semelhante: embora a autoridade hídrica local acredite que o sistema de água está a recuperar do uso excessivo, a Nestlé ainda quer bombear água de Ginnie Springs. O padrão comum que emerge destes e de outros casos - no Estado de Michigan, EUA, ou na pequena cidade de São Lourenço no Brasil - também mostra que são sempre os grupos locais que defendem a água, e não as agências estaduais de água ou ambientais. Pelo contrário, outro padrão que se repete na maioria dos casos é que os governos estão muito frequentemente do lado da empresa - contra os cidadãos.

Pior ainda, em muitos lugares a Nestlé "funde-se" com as autoridades locais, como em Maine, onde um gerente da Nestlé fazia parte do conselho da agência estadual de proteção ambiental, ou em Vittel, onde um vice-prefeito foi processado por um conflito de interesses relacionado com o projeto do gasoduto: Esta conselheira adjunta do departamento Claudie Pruvost era casada com uma executiva da Nestlé de Vittel, presidente de uma associação que decidiu levar o Projecto de Desenvolvimento e Gestão da Água à Comissão da Água local, que a Sra. Pruvost chefiou.

O julgamento foi adiado porque o caso teve de ser transferido do tribunal da cidade de Epinal - o mais próximo de Vittel - para a cidade de Nancy, porque o Vice-Presidente do tribunal de Epinal também era casado com o Director da Nestlé Waters em Vittel!

A Nestlé procura sempre formar alianças ou parcerias com governos para se proteger e às suas fábricas de engarrafamento, especialmente no seu país de origem, a Suíça, onde a sua imagem precisa de ser melhor protegida.

Recentemente, Christian Frutiger, Chefe do Departamento de Relações Públicas, foi nomeado Director-Geral Adjunto da Agência Suíça para o Desenvolvimento e Cooperação - SDC, a direcção do governo suíço responsável pelos programas de ajuda ao desenvolvimento - onde será responsável pelo programa global WATER da SDC!

Os danos ecológicos causados pela captação de água e pelas instalações de engarrafamento da Nestlé também não são limitados localmente. As garrafas de água PET são uma das principais fontes de resíduos plásticos em todo o mundo. Um único exemplo é suficiente para dar uma ideia da contribuição da Nestlé para este problema: Segundo a Wellington Water Watchers, se o governo aprovar as licenças da Nestlé para extrair água de fábricas de engarrafamento comerciais no condado de Wellington, a empresa produzirá mais de 3 bilhões de garrafas plásticas de 500 ml por ano - do início ao fim, esse número orbitaria a terra 16 vezes!

E essa quantidade de plástico vem de apenas dois locais do condado de Wellington! A Nestlé possui dezenas de unidades de engarrafamento deste tipo em todo o mundo e utiliza grandes quantidades de combustíveis fósseis para produzir mais mil milhões de garrafas de plástico. Se a isso juntarmos o combustível total utilizado para transportar todas estas garrafas - especialmente por camião - podemos também constatar o impacto significativo da Nestlé nas alterações climáticas.

Tais padrões são centrais para as fábricas de engarrafamento da Nestlé em todo o mundo e para o poder económico e político desta enorme multinacional.

Países como o Canadá, os EUA ou a França estão entre as sociedades democráticas mais prósperas e tradicionais do planeta e, no entanto, os seus cidadãos têm de lutar muito e por muito tempo apenas para alcançar um nível mínimo de protecção das águas subterrâneas e superficiais, dos ecossistemas e do seu futuro acesso à água - coisas que normalmente tomaríamos como garantidas numa democracia.

Se a Nestlé conseguir agora posicionar os governos do seu lado e contra os seus cidadãos, mesmo em democracias tradicionais como os EUA, Canadá e França, o que pode acontecer às comunidades, aldeias, que são confrontadas com o roubo de água da Nestlé em sociedades muito menos democráticas e muito mais vulneráveis em África, na América Latina ou na Ásia? No nosso tempo, as empresas multinacionais tornaram-se a principal fonte de poder econômico e político, como Paul A. Baran e Paul M. Sweezy explicam em sua obra clássica "Monopoly Capital":

"Os votos são a fonte nominal do poder político e o dinheiro é a verdadeira fonte: o sistema é, portanto, democrático na forma e plutocrático no conteúdo... Basta dizer que todas as actividades e funções políticas que podem ser consideradas como constituindo as características essenciais do sistema - doutrinar e propagar o público eleitoral, organizar e manter partidos políticos, conduzir campanhas eleitorais - só podem ser realizadas com dinheiro, muito dinheiro. E como no capitalismo monopolista, o grande capital é a fonte do grande dinheiro, é também a principal fonte de poder político".

De facto, algumas empresas transnacionais têm lucros que são superiores ao produto nacional bruto da grande maioria dos países do mundo. Um exemplo poderia dar uma melhor visão geral do poder econômico de tais empresas em comparação com outras instituições internacionais:

Em 2017, a Nestlé gastou 7,2 mil milhões de dólares em actividades promocionais globais. O orçamento proposto pela Organização Mundial da Saúde para 2016-2017 foi de 4.384,9 milhões de dólares. É importante compreender que a empresa transnacional moderna é também o sucessor "natural" das antigas potências coloniais, com a diferença de que as antigas potências coloniais, que se concentravam na exploração do Sul global, têm os seus actuais herdeiros mas também são capazes de explorar o NORTE global se os recursos necessários estiverem ali localizados, como Paul Sweezy explicou nesta citação de "Capitalismo Moderno e Outros Ensaios":

"(...) não há razão para supor que uma empresa exclua voluntariamente mercados e fontes de abastecimento estrangeiras do seu horizonte de planeamento simplesmente porque elas estão localizadas fora de um certo conjunto de fronteiras nacionais".

De facto, as comunidades no Canadá, França e Estados Unidos, que tentam proteger os seus recursos hídricos da Nestlé, estão a travar as mesmas batalhas que as comunidades do Sul Global sempre tiveram de travar para proteger os seus próprios recursos do acesso colonial. As antigas potências coloniais usavam as oligarquias locais, sujeitas às suas opiniões políticas e económicas, como governantes nas suas colónias, que se tornaram o "modelo de governação" na maioria dos países do Sul Global. No neoliberalismo, este modelo foi exportado para o Norte global, onde as corporações transnacionais tomaram gradualmente o espaço democrático e o poder político, transformando muitos lugares do Norte em espelhos de comunidades colonizadas no Sul global.

Sob esta nova potência colonial, os governos tanto do Sul como do Norte tornam-se servidores dispostos do sector empresarial e asseguram que as empresas tenham acesso aos recursos de que necessitam, apesar dos danos ambientais e sociais.

Mas este facto cria uma nova e importante abertura para a comunicação, solidariedade, compreensão e acção conjunta entre as iniciativas dos cidadãos que se opõem à privatização da água no Norte Global e no Sul Global. A luta, seja no Sul ou no Norte, é a mesma: manter a água nas mãos públicas sob controle democrático. E lutar pela água também significa lutar pelas nossas democracias em perigo sob a ameaça autoritária do controle corporativo, seja no Sul ou no Norte. Uma nova aliança entre Sul e Norte pode surgir, o que será um poderoso movimento que desafiará o setor corporativo e seus funcionários. As corporações resistirão naturalmente, e a Nestlé, por sua vez, tem uma longa e bem sucedida história de luta contra a sociedade civil.

Nos anos 70, foi lançado um boicote internacional à Nestlé como resultado das práticas de publicidade engarrafada e de dissuasão contra a amamentação, que causou doenças infantis e morte nos países mais pobres do Sul.

Para combater esta campanha, a Nestlé contratou Raphael Pagan, um oficial da inteligência do exército no Departamento de Defesa dos EUA.

Pagan aconselhou os presidentes dos EUA Nixon, Reagan e Bush, Sr. sobre as políticas do Terceiro Mundo -

ou seja, como combater os movimentos de libertação do Terceiro Mundo. Na verdade, Nixon foi o presidente dos EUA que apoiou o golpe do general Pinochet contra o presidente eleito Salvador Allende no Chile e mergulhou aquele país em anos de ditadura militar assassina. Pagan recebeu um Prêmio Life Achievement do presidente Reagan - o presidente dos EUA travou uma guerra contra o governo sandinista nicaraguense, que matou e aterrorizou milhares de pessoas na América Central.

Raphael Pagan tem sido muito eficaz no combate ao boicote internacional da Nestlé, particularmente ao desenvolver uma estratégia para dividir os grupos da sociedade civil que organizam a campanha. Esta parceria com os serviços secretos militares para combater as organizações da sociedade civil foi tão bem sucedida que a Nestlé aprofundou esta colaboração.

Em 2002, a Nestlé recrutou John Hedley, um antigo agente do MI6 dos Serviços Secretos Britânicos, como Chefe de Segurança. Hedley foi responsável, entre outras coisas, pela organização de uma operação de espionagem de grupos da sociedade civil de importância vital para a Nestlé na Suíça, nomeadamente o Grupo ATTAC. Quando um jornalista de investigação suíço expôs esta operação, denunciando-a na televisão suíça, a Nestlé foi levada a julgamento e condenada pela justiça suíça. A Nestlé também desenvolveu a chamada "Sala de Guerra", um centro de comunicação de alta tecnologia que segue cada menção da Nestlé nas redes sociais em tempo real, permitindo à empresa responder rapidamente às "ameaças" das pessoas. Em 2011, a Nestlé organizou a sua conferência anual "Creating Shared Values" em Washington (2) em colaboração com "The Atlantic Council" - uma organização sediada nos EUA que reúne grandes empresas, políticos e militares. O Conselho Atlântico - daí o seu nome - é um membro da OTAN.

O principal painel de discussão neste evento foi com Peter Brabeck, CEO da Nestlé, e Frederick Kempe, Presidente e CEO do Conselho do Atlântico:

Criar Valor Compartilhado na América Latina: oportunidades, obstáculos e direções futuras em alimentação, água e desenvolvimento rural".

Suspeito que o que o painel chamou de "obstáculos" foi - e ainda é - um movimento da sociedade civil tentando manter seus recursos naturais, incluindo água, em mãos públicas. Quando empresas como a

Nestlé são desafiadas por este tipo de resistência da sociedade, podem achar muito útil ter a OTAN ao seu lado para ajudar a "convencer" os governos rebeldes a doarem os seus recursos naturais em benefício do sector empresarial - e não para o desenvolvimento do país.

A Nestlé também tem programas especiais para recrutar ex-militares americanos, tais como a PRÓXIMA MISSÃO: REPORTAR O SEU FUTURO ou Veteranos na Nestlé nos EUA (3) (4).

Aparentemente apenas para manter relações estreitas com os militares americanos, porque, tanto quanto sei, não existe um programa especial da Nestlé para recrutar ex-militares suíços ou franceses.

Estes exemplos mostram que a Nestlé tem uma posição de liderança na imposição do controlo corporativo sobre as instituições democráticas para manter o acesso aos recursos naturais, tais como a água. Mas os exemplos mostram também que a Nestlé está bem à frente no desenvolvimento de estratégias e parcerias para combater a resistência da sociedade civil.

Só juntos, através da educação e informação *, podemos esperar proteger as nossas águas da intrusão corporativa e as nossas democracias do controlo corporativo.

Não há outra maneira.

Fontes:

1. <https://www.granderie.ca/board/secondary/indigenous-education/aboutsix-nations>
2. <https://www.nestle.com/media/mediaeventscalendar/allevnts/creatingsharedvalueforum2011>
3. <https://www.nestleusacareers.com/military/>
4. <https://www.nestleusa.com/about-us/project-opportunity-careeracceleration-initiative>

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Este artigo apareceu pela primeira vez na [GLOBAL RESEARCH](#) em 17 de Dezembro de 2019

+++

* = Suplementos, notas dos editores

+++

Fonte da imagem: / Shutterstock

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião da equipa editorial.

+++

Gostas do nosso programa? Informações sobre possibilidades de suporte aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora você também pode nos apoiar com Bitcoins.



BitCoin endereço:18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK